

Descuido ambiental e desinformação ceifam vidas

» DIONE O. MOURA — UnB/ABEJ/Rede Biota Cerrado
» MARLISE BRENOL — UnB/SBPJor/Rede Biota Cerrado
» LIZIANE GUAZINA — UnB/Compólitica



Não fosse suficiente a enchente que assola o Rio Grande do Sul (RS), também surge outra enxurrada: oceanos de desinformações que visam desestabilizar forças políticas e institucionais, provocar caos desmesurado e aumentar a dor. Contudo, nada surge da noite para o dia. Há fatores historicamente construídos para que a desinformação trafegue em indevida liberdade.

Vamos lá, no caso da inundação no RS, partimos de uma agenda histórica de descuido ambiental. Para o Brasil tornar-se o “celeiro do mundo” devastou biomas, ao custo de uma estrutura de vigilância e controle ambiental crescentemente desmantelada por atores sociais que consideram que ecologia é balela, e de uma economia que gera hábitos de consumo desenfreado, degradação ambiental, enorme produção de lixo, assoreamento de rios, poluição e devastação de biomas.

E tem mais: em nosso país, há anos, inexistente solidez das normas de comunicação de risco que deveriam ser aplicadas do micro (bairro, município) ao macro (áreas metropolitanas, estado, regiões). Quais as áreas de risco? Quais populações podem ser atingidas? Quando e por quais mecanismos serão alertadas? Quais as rotas de evacuação? Escolas, igrejas, coletivos, Defesa Civil, quem atuará nos abrigos? Como proteger os mais vulneráveis? São perguntas que planos de comunicação de risco e de evacuação preventiva conseguem responder, desde que façamos as perguntas certas, na hora certa — antes que o risco (possibilidade) se materialize em dano (o risco concretizado).

Esse processo é fortalecido diante da desregulamentação das redes sociais e resulta em um pacote letal. Acreditamos, como sociedade, que vai ficar tudo bem enquanto destruímos o planeta. Achamos fofos os documentários de crianças de outros países sendo preparadas para possíveis terremotos, mas aqui no Brasil não precisamos disso... Não? É as crianças desaparecidas na atual inundação no RS? E os idosos, os hospitais, as creches, faculdades, empresas, comunidades inteiras submersas na água lamacenta?

Não somente a inundação, mas todo esse conjunto ceifa vidas. Em síntese, falta prevenção há décadas, e também nos dias anteriores às inundações. Se conseguimos fechar o comércio e as escolas quando é feriado, por que não conseguimos fazê-lo antes de uma inundação dessas? Óbvio que conseguimos, desde que haja decisão política. Desde que não deixemos multiplicar o número de desabrigados até que a única saída esteja em

orçamentos astronômicos emergenciais. Esse cenário histórico é perfeito para pavimentar a estrada da indevida liberdade de desinformar e proliferar o negacionismo climático. A lógica das plataformas de mídias sociais segue e amplifica o modelo da comunicação do grotesco de que nos falou Muniz Sodré.

O grotesco, agora ampliado na internet, estimula os relatos mentirosos e sensacionalistas. Influenciadores digitais e as BigTechs nadam de braçada em plataformas de mídias sociais sem regulação. Desinformam em troca de alcance e engajamento, a atual moeda digital. Como consequência, levam veículos de imprensa — que de forma irresponsável publicam sem a devida verificação — e muitos políticos — que assumem mentiras em discursos e postagens amplificadoras do círculo vicioso. É preciso prudência, em especial, na cobertura de catástrofes. Antes de pegar uma rodovia, você não passa no posto para calibragem, água e óleo para viajar com segurança? Pois então, antes de acelerar fundo e repassar uma desinformação, cheque

nas agências de verificação e sites jornalísticos como a Agência Lupa, a Aos Fatose e o EstadãoVerifica.

A tragédia climática no RS ceifou vidas, gerou mais de 200 mil refugiados climáticos e apontou o dedo para a falta de planejamento no combate a tragédias climáticas previstas pela ciência. Enquanto as figuras públicas, em especial, deputados e senadores brasileiros, deputados estaduais/distritais, vereadores, prefeitos e governadores estiverem mais preocupados em criar narrativas para suas bases eleitorais nas redes sociais do que em gerenciar as crises, serão corresponsáveis por essa e por outras tragédias que possam vir. E se a pauta da biodiversidade, conservação e economia sustentável não se tornar prioridade, catástrofes se multiplicarão. Se a dor das vítimas das enchentes no RS não doer nos Três Poderes (nos níveis municipal, estadual e federal), a desesperança reinará em um país cujas faces não mais distinguiremos lama de lágrimas. Ainda podemos fazer algo. Façamos.

O poder dos ecossistemas de inovação

» MAURÍCIO ANTÔNIO LOPES
Pesquisador da Embrapa Agroenergia

Tomar o conceito de ecossistema emprestado da ecologia para caracterizar as necessidades atuais do sistema de inovação tecnológica faz todo sentido. A ecologia é a ciência que estuda as interações entre os organismos e seu ambiente, incluindo os ecossistemas. No cenário atual, com desafios cada vez mais complexos e interconectados, o processo de inovação pode se beneficiar enormemente do que sabemos sobre o funcionamento dos ecossistemas, aprimorado pela natureza ao longo de milhões de anos.

Assim como as diversas espécies em um ecossistema natural dependem de interações e sinergias para prosperar, inovar nos dias atuais requer esforços colaborativos e interconexões entre diversos atores para enfrentar eficazmente desafios de crescente complexidade. Por isso, os ecossistemas de inovação estão emergindo como catalisadores essenciais para fomentar a criatividade, a interdisciplinaridade e a sinergia entre múltiplos operadores, sejam eles empresas, universidades, instituições de pesquisa, governos, comunidades etc.

Os ecossistemas de inovação têm demonstrado capacidade de gerar uma série de benefícios tangíveis e intangíveis. Regiões e países com ecossistemas de inovação robustos e dinâmicos tendem a atrair investimentos, profissionais qualificados e empreendedores em busca de oportunidades de crescimento e colaboração. Essa atração de recursos e competências contribui para o fortalecimento da economia, a criação de redes de inovação e a disseminação de boas práticas e conhecimentos em escala dificilmente igualada por modelos convencionais de inovação.

Um exemplo emblemático é o Vale do Silício, na Califórnia, Estados Unidos. Conhecido como o epicentro global da inovação, o Vale

do Silício abriga algumas das maiores empresas de tecnologia do mundo, bem como uma densa rede de startups, investidores, universidades e centros de pesquisa. A colaboração intensa entre esses atores resultou em avanços significativos em áreas como tecnologia da informação, inteligência artificial, biotecnologia, energias renováveis, entre muitas outras.

A Coreia do Sul é um exemplo notável de país com um ecossistema de inovação robusto e dinâmico. O país investiu significativamente em pesquisa e desenvolvimento, educação e infraestrutura tecnológica, criando um ambiente propício para o surgimento e crescimento de startups e empresas inovadoras em áreas, como tecnologia da informação e comunicação, eletrônicos de consumo, semicondutores, automação, robótica, inteligência artificial, biotecnologia e energia renovável. A Coreia do Sul é conhecida por sua forte ênfase em pesquisa e desenvolvimento, bem como por sua capacidade de traduzir conhecimento em produtos comercializáveis.

Países como Finlândia, Israel e Estônia também têm se destacado por seus ecossistemas de inovação bem estruturados e colaborativos. Esses são alguns, dentre muitos exemplos bem-sucedidos, que compartilham características-chave como investimentos significativos e persistentes em P&D, colaboração entre setores, forte cultura empreendedora, infraestrutura tecnológica avançada e apoio governamental. Todos elementos essenciais para impulsionar a criatividade, a colaboração e o progresso nas organizações e na sociedade como um todo.

Apesar desses exemplos de sucesso, a maioria dos países ainda tem dificuldade em compreender e operar a inovação de forma sistêmica, colaborativa e complementar. A fragmentação, a falta de coesão, a desconexão de agendas e prioridades, a rigidez

organizacional e a falha na identificação de tendências emergentes são riscos associados a essa dificuldade, podendo comprometer a capacidade de países e organizações de se adaptarem, inovarem e se destacarem em um cenário competitivo em constante evolução.

É imperativo buscar modelos inteligentes de inovação, pois não existem equações mágicas que nos permitam lidar com a complexidade que emerge da realidade social e econômica. Infelizmente muitos preferem desprezar realidades desafiadoras, acreditando que cenários estáveis emergirão, o que pode levar a perigosas zonas de conforto. É tempo de aceitar a complexidade e as incertezas como elementos irrefutáveis, buscando ampliar a capacidade criativa e inovadora para melhor visualização de respostas a desafios cada vez mais difíceis e multifacetados.

Nesse contexto, os ecossistemas de inovação representam o caminho para uma nova era de progresso e colaboração, onde a ciência seja verdadeiramente uma força catalisadora para o bem-estar global. Ao unir diversas habilidades e perspectivas, eles não apenas impulsionam a criatividade, mas também abrem caminho para superar o reducionismo e a simplificação da realidade. E, mais, podem ajudar a ultrapassar as fronteiras do pensamento desatualizado, unidimensional e concentrado apenas em responder a desafios pontuais e de curto prazo.

Ao abraçar a diversidade e a complexidade do mundo contemporâneo, os ecossistemas de inovação se tornam não apenas catalisadores de mudança, mas também agentes de transformação que podem ajudar a moldar o futuro das organizações e da sociedade como um todo. Na confluência de talento, tecnologia e cooperação, barreiras e divisões desaparecem, criando um vasto horizonte de possibilidades.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Planeta água

Catástrofes ambientais ocorridas em todo o planeta em decorrência do previsto efeito estufa, vão deixando patente que o mundo, e sobretudo a espécie humana, protagonista desse processo, terão, doravante que começar a exercitar um novo modelo de exploração da terra, caso desejem ainda permanecer existindo. Essa é uma, entre milhares de outras constatações que podem ser incluídas no rol dos fatos incontestes. Ou é isso ou aquilo que vamos assistindo, com cada vez mais frequência.

Nesse planeta água, a terra entra em fusão sob nossos pés. O que os cientistas ligados às questões do meio ambiente têm afirmado, é que entramos num ponto de não retorno. O start ou o ponto de inflexão de todo esse novo momento que estamos assistindo foi dado em data incerta. O que parece certo é que esse século XXI, cuja inauguração se deu com a sinistra derrubada das Torres Gêmeas em Nova Iorque, será marcado por desafios que a humanidade jamais experimentou anteriormente, salvo aqueles mencionados na Bíblia, que relatam os acontecimentos durante o período do dilúvio.

Talvez o que menos importa nesse instante seja a busca por culpados por toda essa reviravolta que vai ocorrendo em nosso planeta. O que importa e de forma urgente é revisar alguns modelos de exploração dos recursos naturais do planeta e de nossa conduta coletiva que nos trouxeram até aqui.

Para um planeta que caminha para abrigar oito bilhões de habitantes, livrar com urgência dos sistemas de produção de alimentos e da exploração de outras riquezas, não será tarefa fácil. Talvez esse seja também um esforço que não caberá apenas aos governos, mas sim, a toda a coletividade humana.

Por todo o mundo, vai ficando cada vez mais claro que a força coletiva ou sociedade civil, tem sido muito mais eficaz na resolução de calamidades climáticas de grandes proporções do que aquelas mostradas pelo Estado. O caso do furacão Michel que assolou a Flórida em 2018, deixou antever ao mundo que a cooperação descentralizada da sociedade civil foi um fator, por excelência, para minorar as consequências advindas daquela tormenta que deixou mais de 80 mortos, com prejuízos de dezenas de bilhões de dólares.

O mesmo fator é agora reafirmado no caso das enchentes que destruíram boa parte do território gaúcho. Tolice o governo querer competir midiaticamente com as ações voluntárias, demonstradas pela sociedade civil local. As imagens e, mesmo o imaginário coletivo, provam a força dessas comunidades. Impressionante no caso do Rio Grande do Sul, é que essas populações que se desdobraram para salvar vidas, jamais, em tempo algum, tiveram quaisquer treinamentos prévios, agindo apenas com base na força da solidariedade e do destino comum.

Na realidade esse parece ser o mote atual que deve nos mover daqui para frente: destino comum. Seguramente, por habitarmos esse planeta ferido de morte por nossas ações temos que ter em mente que temos, ricos e pobres, um destino comum. A resposta do Estado, e sobretudo a resposta de um governo envolto com uma séria crise econômica, centralizada e burocrática não é páreo para o ultimato veloz do clima.

As críticas ajudam no aperfeiçoamento das ações, pois apontam falhas e, muitas vezes, mostram soluções adequadas. Antigamente se dizia que é quando a maré baixa que podemos constatar quem é que estava nu. No nosso caso particular, podemos confirmar que não era população flagelada. É certo também que não iremos minorar a dor dos nossos irmãos do Sul, com palavras ou outras condolências cerimoniais e formais. Mas ainda assim é por meio da palavra denunciada que iremos alertar que somente hoje em nosso país temos uma população de mais de meio milhão considerados fugitivos do clima.

Em todo o mundo, esse contingente alcança mais de um bilhão de pessoas. Para se ter uma ideia dessa situação fora da roda é preciso lembrar que em pouco mais de um ano o nosso país teve mais de 12 eventos climáticos extremos e, até hoje, não nos preparamos para as adversidades climáticas.

» A frase que foi pronunciada

“A crise climática não é uma questão política; é um desafio moral e espiritual para toda a humanidade. É também a nossa maior oportunidade de elevar a consciência global a um nível mais elevado.”

Al Gore

Solidariedade

» Várias instituições públicas unidas para prestar socorro ao Rio Grande do Sul. No Senado, Ilana Trombka, diretora da Casa, lançou a campanha de doação de cinco mil cobertores organizada pela Liga do Bem. Voluntários ajudam a separação das doações recebidas.

» História de Brasília

O argumento de que Brasília é uma cidade em formação prevaleceu, e não teremos, assim, “forças terríveis” pressionando a administração. (Publicada em 08.04.1962)